

REVISITANDO A HISTÓRIA DA FORMAÇÃO E DA PROFISSÃO NO INTERIOR DA FLORESTA

REVISITING THE HISTORY OF TRAINING AND PROFESSION WITHIN THE FOREST

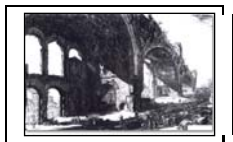
Maria Aldecy Rodrigues de Lima¹

RESUMO: Os fios que conduzem à história perpassam toda uma trama de vivências e errâncias de saberes e práticas construídas e em construção. Nas cabeceiras dos rios acreanos os professores são cotidianamente desafiados a articular os saberes da formação com a realidade da sala de aula. Oriundos da cidade os jovens professores que encaram a docência nas comunidades ribeirinhas de Mâncio Lima-Ac, deparam-se com situações em que os alunos manifestam desejos de saber para além das margens dos rios, além do horizonte das verdes matas. Desenvoltos nos afazeres da tradição (plantar, colher, caçar, pescar) intrigam seus professores quando manifestam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. Utilizando-nos do aporte metodológico da entrevista semi-estruturada e da observação do lugar enquanto moradora natural da região, foi possível acessar algumas formas de pensar e do fazer docente destes professores bem como dos motivos que os levam a estes lugares longínquos dos centros urbanos. Dessa forma, pretende-se neste texto reconstruir percursos e compreender as tramas da história de formação e da profissão no interior da floresta acreana.

PALAVRAS CHAVE: formação docente; educação na floresta; imaginário social.

ABSTRACT: The wires leading to the history connect a whole web of experiences and errors of knowledge and practices built and under construction. In the Mouth of Acre's rivers, teachers are daily challenged to articulate the knowledge of training with the reality of the classroom. The young teachers, who came from the city, see the education in the communities of Mâncio Lima-Ac, facing up with situations where students express wishes

¹ Mestranda do PPGED – UFRN e professora da Universidade Federal do Acre. E-mail: mariaaldecy.lima@bol.com.br



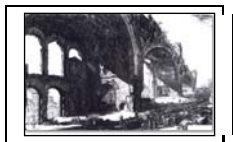
to know beyond the riverbanks, beyond the horizon of green woods. Good in the affairs of tradition jobs (planting, harvesting, hunting, and fishing) they concern their teachers when they manifest difficulties in learning to read and write. Using the methodological contribution of the semi-structured interview and observation of the place as a natural inhabitant in the region, it was easy for us to access some ways of thinking and practice of these teachers as well as the reasons that lead them to these remote places from urban centers. Thus, I pretend with this text to rebuild pathways and understand the hatching of the history of training and profession within the Acre's forest.

KEY WORDS: Teaching Practice, Education in the Forest, Social Imaginary

A escolha da profissão parece ser desenhada mesmo no seio familiar. Desde pequenino, as crianças da Amazônia escutam a indagação de seus pais: o que tu queres ser quando crescer? Entre tantos, Faustos, Deuzuites e Carmozindas, comumente se ouve, respostas tímidas que registram o quer-ser futuro: padre/freira, professor/professora . Ainda sem saber direito o significado das profissões não se almeja o que não se conhece. Médico, advogado, engenheiro e outras profissões valorizadas socialmente no mundo urbano, estão mais para um sonho que se sonha, mas não se alcança. O sonho de ser professor aparece mais como uma experiência próxima, vivenciada junto àqueles que lhes ensinam o *bê-a-bá*. As outras, estão tão distantes que parecem nunca ser alcançada. Ali mesmo na comunidade onde moram mantêm contato direto com seus mestres que quase sempre se deslocam das cidades onde moram para exercer a *profissão professor* nas comunidades ribeirinhas.

Os ribeirinhos desenvolvem um modo particular de vida na floresta. São homens de poucas letras, mas que falam de diversos assuntos e constroem um conhecimento fundamentando-se na experimentação do local. Levam uma vida de práticas e reflexões sobre a vida cotidiana elaborando teorias sobre o global e sobre o próprio conhecimento. Estes homens e estas mulheres têm muitas facilidades e muito jeito para contar histórias e se orgulham disso: cantam, contam, decoram, declamam.

Os professores, oriundo de um ambiente completamente estranho (vindos da cidade) embrenham-se numa mata estranha para fazer um trabalho igualmente estranho visto que são vítimas de uma formação alicerçada nos moldes tradicionais do ensino. O contato com estes novos atores sociais – homens, mulheres, jovens, adultos e crianças que compõe as

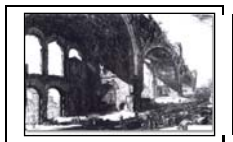


salas de aula na ânsia pelo saber, exigem dos professores uma prática pedagógica cuja formação inicial parece não dar conta de imediato. É preciso, pois, um tempo de acomodação e familiarização com a nova realidade. Lidiane² uma das professoras entrevistadas contou-nos o quanto admira a habilidade e desenvoltura que seus alunos têm para com os trabalhos manuais. Porém, salienta que eles ficam mais atentos à aula quando se trata de coisas da cidade. No dizer da professora,

As coisas que eles praticam lá eles não dão muita importância. Eles já se importam com coisas diferentes [...] eles me perguntam: professora porque na nossa escola não tem um rádio? Por que só lá na rua¹ tem televisão? Eles sentem falta disso. Se a gente for fazer uma pesquisa de campo, eles dizem ah, isso eu vejo todo dia. Agora, se a gente pega uma revista de Mâncio Lima, do Acre, entendeu? Ah! Aquilo eles se empolgam. Uma vez eles me perguntaram: professora a capital do Acre é Rio Branco e a capital do Rio Azul? Aí eles me pegaram (risos). Eu disse: meu filho, o lugar mais desenvolvido daqui é o Bom Sossego, né? – lá tem telefone, então digamos que o Bom Sossego é a capital do Rio Azul. Quando eu venho pra Mâncio Lima eles querem vir e até dizem: ah, se a professora deixasse eu ir com ela! Eu digo: meu filho não é deixar é porque é tão perigoso! A gente vem de canoa pequena e eu tenho muito medo. Deus me livre de alagar! É perigoso mesmo.

Esta fala da professora mostra que, embora busque construir, na realidade do seringal, condições para elevação do horizonte cultural de seus alunos, não deixa de reparar as habilidades próprias, que facilitam o manejo da realidade próxima, enquanto identifica a curiosidade pelas questões externas. Essa curiosidade acaba funcionando como elemento de estímulo para o processo ensino-aprendizagem. Assim, encontra as motivações necessárias, e, por si mesmo, remodela a prática pedagógica da professora, que no isolamento da mata, encontra ecos, pequenos liames de boa-vontade, através dos quais inventa os jeitos de ensinar.

² A identificação dos entrevistados permanece com seus respectivos nomes por consentimento dos mesmos.



Historicamente vivenciamos situações de formação enraizada no modelo de racionalidade técnica que, segundo Gómez (1992, p. 97)

[...] impõe, pela própria natureza da produção do conhecimento, uma relação de subordinação dos níveis mais aplicados e próximos da prática aos níveis mais abstratos de produção do conhecimento, ao mesmo tempo em que as condições para o isolamento dos profissionais e para a sua confrontação corporativa. No modelo de racionalidade dá-se, inevitavelmente, a separação pessoal e institucional entre a investigação e a prática. Os investigadores proporcionam o conhecimento básico e aplicado de que derivam as técnicas de diagnóstico e de resolução de problemas na prática, a partir da qual se colocam e aos investigadores aos problemas relevantes de cada situação.

Os (as) jovens professores-professoras, ao concluir sua formação em nível médio, na agonia do desemprego, acabam se prontificando a ganharem baixos salários, em contratos temporários, para exercer o magistério nas comunidades ribeirinhas. Dessa maneira, o fluxo de crianças que chegam às cidades para morar com parentes e conhecidos para estudar, tem diminuído. O ensino, nas comunidades ribeirinhas, fica à mercê da boa-vontade dos professores-professoras que chegam (compreenda-se boa-vontade também como capacidade de adaptação a situações-limite, a disposição de reaprender a viver socialmente em comunidades de poucos moradores, respeito aos hábitos e costumes locais, capacidade de compreensão dos esquemas de poder locais, etc.).

Ao referir-se aos caminhos da educação rural no Brasil Azevedo (2006, p. 45) enfatiza que:

Com as mudanças ocorridas no contexto educacional brasileiro, a partir dos anos de 1990, a educação do campo também ganhou novos contornos. Por volta das décadas de 1970-1980, ocorreu uma intensa migração campo/cidade, decorrente de inúmeros problemas de ordem política, econômica e social porque vinha atravessando o país, o que gerou uma forte pressão social em todo



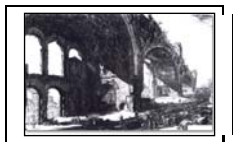
o Brasil. Intensifica-se, assim, um processo de urbanização desordenado, sobre o qual o próprio Estado não mantém controle. Os serviços básicos que deveria oferecer como moradia, transporte, saneamento básico, saúde, educação e segurança não atendem à demanda e à pressão social que decorre desse movimento.

Neste mesmo cenário, Cabral Neto (2004, p.179) enfatiza que,

Mesmo que a discussão sobre a necessidade de uma escola para o meio rural, como uma proposta pedagógica adaptada a esse contexto específico, remonte aos anos 30, é durante a realização do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, em 1942, que encontramos as primeiras idéias a esse respeito, sistematizadas e defendidas com veemência por parte de um grupo significativo de educadores brasileiros.

Entre as inquietações que nós professores formadores sentimos antes mesmo do primeiro contato com os alunos que participarão do processo de formação é também sentida pelos professores iniciantes na relação que estabelecem com a sala de aula. Estes professores das comunidades ribeirinhas saem de suas cidades para lecionar nos autos rios. Por que estão lá? É fácil saber: na cidade não tem emprego. Para eles não importa a forma, antes vale ter um trabalho e o sustento da família.

Diante a realidade cruel de isolamento nos seringais os professores usam do que sabem e aprenderam nos bancos escolares cujas estratégias metodológicas são reproduzidas no fazer pedagógico com aqueles que têm sede de saber. Nem sempre estes modelos dão certo posto que estão diante de realidades completamente diversas do cotidiano da vida urbana. Gómez (op. cit, p 100) enfatiza que há duas razões fundamentais que impedem a racionalidade técnica ou instrumental de representar, por si só, uma solução geral para os problemas educativos:



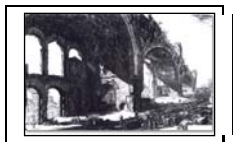
Em primeiro lugar, por que qualquer situação de ensino quer seja no âmbito da estrutura das tarefas acadêmicas ou no âmbito da estrutura social, é incerta, única, variável, complexa e portadora de um conflito de valores na definição das metas e na seleção dos meios; em segundo lugar, porque não existe uma teoria científica única e objetiva, que permita uma identificação unívoca de meios, regras e técnicas a utilizar na prática, uma vez identificado o problema e clarificadas as metas.

Tal modelo de formação parece não dar conta da complexidade dos problemas que a vida nos impõe. Nas mais distantes e diferenciadas colocações³ as pessoas constroem representações de escola e de cidade a partir da presença de elementos sócio-culturais e históricos que perpassam toda uma vida ali construída. Criam imagens que lhes permite gerenciar sua interação cotidiana com estes objetos sociais. Desse modo, tentam encadear ações práticas coerentes com a eloquência do discurso às vezes tímido, às vezes destemido, em busca do que querem. A escola tem, para estas pessoas, desempenhado um papel paradoxal. Ao mesmo tempo em que reforça e reproduz o isolamento e obscurantismo social quando não se aproxima da realidade sociolinguística dessa região, também é vista como o único caminho para sair desse lugar e conquistar uma vida melhor.

A não ascensão escolar destes alunos, estaria em sua incapacidade cognitiva em aprender os conteúdos escolares ou nas condições de possibilidades geradas pelo contexto social? Porque aprendem tão cedo à busca da sobrevivência com a maior desenvoltura e quando chegam à escola manifestam dificuldades de aprendizagem? Que formação deveria ter os professores que se encaminham às estas colocações? Em que condições objetivas de trabalho estão imersos professores e alunos nos seringais? Só a vontade de estudar e querer aprender, são suficientes?

Na tentativa de responder a estas e outras tantas indagações que nos intrigam é que mergulhamos na intersubjetividade do cotidiano destas pessoas, na intimidade mesmo de seus pensamentos. Nossa intenção não é a princípio dissecar as falas numa espécie de necrofilia linguística, mas antes, obter através delas as emoções, sentimentos, certezas,

³ Termo usado nas comunidades ribeirinhas para designar o que na cidade é classificado como bairro.

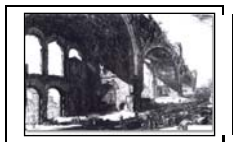


desejos e sonhos de professores e alunos envolvidos no fazer da educação, na singularidade que a vida na floresta lhes proporciona, na busca de uma compreensão do próprio lugar e de seu constituir-se nele.

Na verdade, os professores usam o que sabem e o que aprenderam na sua trajetória escolar. Entretanto, os conhecimentos teóricos desvinculados de uma prática reflexiva, que no cotidiano, se mostra ambígua e cheia de contradições parece não dar conta das indagações e das necessidades de aprendizagem dos alunos. Mesmo assim, este vão à escola, não desistem dela. Sentem a necessidade de estudar para desvendar o que existe para além da aparência visual das letras, do colorido gráfico que adorna seus lares, do horizonte das verdes matas. Rosângela, uma moradora ribeirinha chora de emoção ao se lembrar o quanto sofreu para estudar. Assim diz:

A escola era longe, uma hora e meia de casa. Aí, tanto era longe por água quanto era longe por terra. A gente ia de canoa, às vezes se alagava – rio cheio [...] quando dava aquelas tempestades, né? [...] Aquele vento forte, a canoa pequena cheia de menino (risos) aí a gente se alagava, perdia o material era aquela confusão. Voltava pra casa e passava uns dias sem ir pra escola até arranjar outro caderno para voltar para escola de novo. Era difícil! Por terra também. Tinha onça na mata [...] muitas vezes nós vimos o rastro da onça que tinha passado por ali há pouco tempo. Eu só faltava morrer de medo: os maiores corriam, os menores ficavam pra traz aos gritos – era aquela confusão. Quando isso acontecia meu pai saía pra mata mais os vizinhos pra ver se matava a onça e a gente poder voltar pra escola em paz. Eu acho que foi por isso que não aprendi muita coisa na escola porque eu já ia pra aula com medo, né?

Embalada pelo calor da emoção ao recordar a vida no seringal Rosângela enfatiza que não quer esta vida para seus filhos. “Foi por isso que fiz de tudo pra vir morar na cidade para eles não enfrentarem as dificuldades que enfrentei quando pequena. Vim colocar eles na escola para não crescerem que nem eu”. Na verdade, a escola pra eles representa uma coisa boa: prosperidade, mudança de vida, conhecer lugares, viajar. No entanto, muitos pais (principalmente os mais antigos) destas comunidades corroboram com o discurso de que a



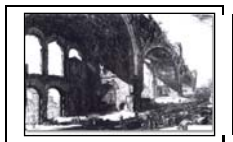
escola não é para todos; que há uns que se encaminha para a academia enquanto aos outros, sabra o trabalho braçal. Sobre essa temática, Azevedo (2006, p. 45, citando ARROYO, 1999) ressalta que:

Temos uma larga história que sempre defendeu que os saberes que a escola rural deve transmitir devem ser poucos e úteis para mexer com a enxada, ordenhar a vaca, plantar, colher, levar para a feira. [...] Essa visão utilitarista sempre justificou a escola rural pobre, os conteúdos primaríssimos, a escolinha das primeiras letras.

A necessidade de um saber escolarizado é sentido tanto pelos alunos que querem freqüentar a escola quanto pelos pais analfabetos que não tiveram oportunidade de estudar. Ouvi de um pai a manifestação concreta de quanto sente a escola importante na vida de uma pessoa. E, quando trata de seus filhos faz de tudo para que ele estude. Assim diz o pai analfabeto que veio do seringal para a cidade com a firme convicção de enviar os filhos à escola. “Eu não estudei quando criança primeiramente porque no seringal a pessoa tem que viver do solo, da terra e meu pai era um homem divinamente trabalhador, muito carrasco pra nós. Pra quanto mais trabalhar mais produção ter. [...] não tivemos tempo e nem liberdade pra estudar [...] meu pai me educou para trabalhar no machado, no terçado, na enxada, mas eu quero a caneta pra meus filhos”.

É diante desta e outras tantas situações peculiares que se encontram os professores que se encaminham às comunidades ribeirinhas. Se pensarmos no modelo de formação dos mesmos veremos que vão se deparar com aquilo que Gómez (1992, p. 101) citando Schön denomina de:

Zonas indeterminadas da prática – incerteza, singularidade e conflito de valores – escapam aos cânones da racionalidade técnica. Quando uma situação problemática é incerta, a solução técnica do problema depende da construção previa de um modelo bem definido – o que em si mesmo não é uma tarefa técnica. Quando um prático reconhece uma situação como única, não pode tratá-la apenas através da aplicação de teorias e técnicas derivadas do seu conhecimento profissional. E, em situações de conflito de



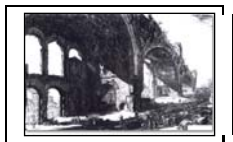
valores, não há metas claras e consistentes que guiem a seleção técnica dos meios.

Um novo modelo de formação deve perpassar a vida acadêmica, pessoal e profissional destes professores posto que o modelo de formação baseado na racionalidade técnica não suporta a diversidade existente na floresta; os saberes que adornam o imaginário daquele povo; a ousadia que os atreve; os mitos e as lendas respeitadas como verdades, referenciais de compreensão que dão sentido ao seu viver; a labuta do trabalho pesado e das rotinas diárias.

Está posta uma outra exigência para a formação dos professores. Quanto a isso, é preciso mencionar o aspecto legal que vive o Brasil hoje. Amparados pela LDB os professores do Estado do Acre passam por momentos de formação profissional nos bancos da academia. Trata-se de uma grande parceria entre os poderes administrativos visando o cumprimento desta exigência legal.

O artigo 62 da LDB nº. 9.394/96 admite como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. Já o artigo 87, em seu § 4º, reza que até o final da década da educação somente serão admitidos professores habilitado em nível superior, coloca como outra possibilidade quando aceita como equivalentes os formados por treinamento em serviço (LINHARES, 2003, p. 20).

Nesse quadro de formação geral estão também os professores ribeirinhos do Acre. Ressalte-se ainda que esta formação está em andamento através da modalidade de treinamento em serviço. Os meses de janeiro, fevereiro e março são de aula para tais professores, aulas estas que ocorrem na cidade. Quando chega abril sobem outra vez o rio para o exercício da docência em suas respectivas comunidades, ficando, ainda, responsável



pelo cumprimento de parte das atividades acadêmicas, já que o curso de Pedagogia, em regime parcelado, tem uma fase semi-presencial⁴.

Dizendo de si a professora Najara salienta que foi ao seringal pela primeira vez ainda solteira, os moradores da localidade a receberam com muita atenção e até construíram uma casa para hospedar ela e aos demais colegas de profissão.

Foi lá que arranjei um casamento ele também era meu aluno [...] lá o professor está sempre sendo chamado para fazer alguma coisa tipo: palestra, ir pra outra comunidade, fazer debate, concurso de cartazes, festas comemorativas, isso tudo envolve o professor porque o professor na escola ele é tudo – do pai ao bisavô. Fora da escola ela também tem que ser mais pelo respeito.

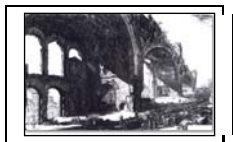
A escola de lá é simples como simples também são as moradias de seus habitantes: poucos cômodos onde, numa espécie de “jeitinho brasileiro”, arranja-se espaço para dar aulas.

Nas observações feitas foi possível perceber a desenvoltura com que os meninos e meninas aprendem à sobrevivência na selva. Desde cedo estão a acompanhar os pais e irmãos mais velhos nos afazeres domésticos e no cultivo da agricultura de subsistência, na caça e na pesca. Desenvolto em seus braços ainda curtos os meninos estendem a rede de pesca para capturar os peixes e matar a fome. O tiro certo na caça que passar é aprendido logo cedo. Até parece que àqueles corpinhos franzinos, não vão dar conta do recado. Qual nada! É de pequeno que se aprende: os valores éticos, os hábitos, as “contas de cabeça”, a hora da espera⁵. Quando não se acerta o tiro, é panema⁶ na certa. Inebriados por saberes construído na cotidianidade da vida destas pessoas está também à sede de um

⁴ O Programa Especial de Formação de Professores para a Educação Básica – Zona Rural, é resultado da parceria entre do Governo do Estado do Acre com a Universidade Federal do Acre, e teve início em 2006, com previsão de término em 2010.

⁵ Horas a fio escondido numa árvore ou trepadeira de madeira fabricada pelo próprio caçador para esperar cautelosamente o bicho que vem se alimentar. Numa dessas, quando o bicho é pego quem se alimenta é o homem.

⁶ Uma espécie de azar dado ao caçador por alguém da comunidade que, desavisado descuida os ossos do bicho jogando em lugares proibidos pela “ciência da caça”.



saber que vem através dos livros traduzido pela figura imprescindível do professor que, na tentativa de acertar faz o que sabe.

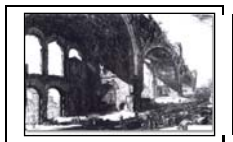
Querendo entender o processo de ensinar e de aprender de professores e alunos no fazer pedagógico indaguei aos professores se os alunos manifestam alguma dificuldade de aprendizagem. Eles dizem que sim, no entanto, parecem não saber ao certo o motivo disso. Uns até dizem que é falta de interesse mesmo dos alunos. Para outros, a falta de tempo para estudar aliada às dificuldades para chegar à escola. Não se fala explicitamente que os alunos são incapazes de aprender. Entretanto, a formação de que desfrutam ainda não dá conta de uma explicação plausível, a partir dos referentes teóricos de que se apropriam em sua formação, que possa compreender as causas de tais dificuldades de aprendizagem.

Poucos são os que aprendem assinar o nome em casa. Essa é uma tarefa tipicamente escolar construída com a ajuda do professor. Disse-me a professora Aucirema:

O professor lá em cima é uma autoridade. Eles me respeitam muito e é isso que eu mais gosto de lá: do respeito que eles têm por mim, da amizade que eu tenho com cada um e eu me sinto muito honrada, muito amada por todos [...] quando eu tô lá eu sou a autoridades – lá é eu que mando, sou a da frente em tudo por tudo.

Apesar de ser o professor uma pessoa respeitada e querida na comunidade, vista como aquele que sabe e pode ajudar os alunos a desvendar os códigos escritos, eles mesmos, dizem que a maior dificuldades que os alunos têm é quanto a aprendizagem da leitura e escrita. Vale salientar, entretanto que essa dificuldade não se constitui em empecilho à frequência escolar. Há alunos que andam horas a fio em caminhos estreitos e alagadiços em busca desse saber, em busca de construção de sentido e vidas outras que a escola possa lhes oferecer.

O choro e as lágrimas que deslizam no rosto sofrido dos que não conseguiram estudar além da 4ª série (Ensino Fundamental) é ilustrativo do quanto se deseja uma escola na comunidade e, através dela a possibilidade de um além-floresta, um além-rio. O limite das matas não contenta seus moradores – todos querem saber o que está além do horizonte que o olho consegue enxergar. Sobreviver na selva, sentir o gostinho e o sabor natural de produtos e alimentos, da dormida com as portas abertas ao vento, do cheirinho de mato é

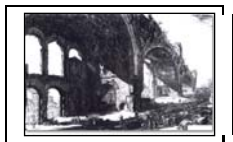


manifestado pelos que hoje moram na cidade com saudade e certa melancolia. Os que moram lá também querem saber de cá. No entanto, querem desmistificar/decodificar os escritos dos livros, o letreiro do comércio, o contrato que se faz nas compras a prazo; eliminar de vez a marca do dedão sujo de tinta no lugar da assinatura. Mais ainda, querem a possibilidade dos novos horizontes que o mundo da escrita parece prometer. Rosa relata o depoimento de um de seus alunos a respeito do valor que a escola representa para ele.

[...] A maior vergonha que eu tive na minha vida foi um dia desses que eu estava no fórum e um cara saiu lá fora e disse assim: ei meu senhor venha aqui comigo pro senhor servir de testemunha pra mim. Ele disse que nessa hora olhou pra ele, olhou pra um canto, olhou pro outro e disse: mais eu não posso! Porque eu não sei assinar o meu nome. Diz ele que foi a maior vergonha que ele já passou. Mais ai começou a estudar a mesma alfabetização que eu trabalhei: o MOVA². Estudou a etapa de 6 meses e aprendeu o nome. Era perto a escolinha, a sala improvisada que ele estudava, ele estudava a noite. Quando era durante o dia ele ia pra lá e ficava [...] aí ele disse que ficava olhando pro quadro de giz e ficava horas e horas lendo aquelas palavras e ia pra casa e ficava olhando as revistas, livros né soletrando aquelas letras. Hoje ele sabe escrever o nome e não ler não mais cachinga⁷. Então ele não lê bem né, mais tá cachingando né pra andar ta faltando pouco, tá no caminho de aprender. Porque pega uma letra e junta com outra e cachinga a palavra [...].

Dos professores se ouve a queixa do desleixo dos alunos em não aprender. Dos pais e moradores ribeirinhos, ouve-se as lamurias de não ter tido a oportunidade de estudar enquanto criança. Uns por não morar perto de escola; outros por ter que ajudar seus pais nos trabalhos da roça e achar a caneta tão pesada que escapole ao controle dos dedos. “É difícil concentra-se por tantas horas na escola sem a enxada na mão” – me disse um jovem de vinte e poucos anos que desistiu da escola dando preferência ao seu trabalho de barqueiro que desliza rio a cima, rio abaixo, entre uma curva e outra na simplicidade e

⁷ A professora usa esta expressão metafóricamente para dizer da pessoa que ler pouco e ruim, assim como se tivesse engatinhando, dando os primeiros passos na vida, está seu aluno ao poucos, desvendando os códigos da escrita.



contentamento que a vida lhe oferece. Ele conhece a cidade e é ali que prefere morar, mesmo que seja num bairro periférico e, vez por outra, visitar sua antiga comunidade.

Um novo processo de formação deveria enfocar mudanças conceituais na forma de organização curricular e pedagógica levando-se em consideração que a reflexão extrapola os cânones da sala de aula. Desse modo a nova formação deve possibilitar aos professores uma implicação dos mesmos no processo ensino-aprendizagem e do seu fazer docente, ainda que seja uma sementinha de movimentações em busca de uma política menos excludente. Gómez, (1992, p. 103) ao referir-se a natureza do processo de reflexão enfatiza que:

1. A reflexão não é determinada biológica ou psicologicamente, nem é pensamento puro, antes expressão uma orientação para a ação e refere-se às relações entre o pensamento e a ação nas situações históricas em que nos encontramos.

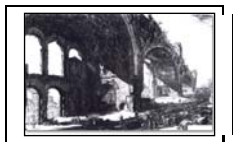
2. A reflexão não é uma forma individualista de trabalho mental, quer seja mecânica ou especulativa, antes pressupõe e prefigura relações sociais.

3. A reflexão não é nem interdependente dos valores, nem neutral, antes expressão e serve a interesses humanos, políticos, culturais e sociais particulares.

4. A reflexão não é indiferente nem passiva perante a ordem social, nem propaga meramente valores sociais consensuais, antes reproduz ou transforma ativamente as práticas ideológicas que estão na base da ordem social.

5. A reflexão não é um processo acadêmico, nem simplesmente um exercício criativo de construção de novas idéias, antes é uma prática que exprime o nosso poder para reconstruir a vida social, ao participar na comunicação, na tomada de decisões e na ação social.

As comunidades ribeirinhas mantêm o hábito de colar papel nas paredes de suas casas com uma forma de contato com o mundo urbano, uma forma de saber da cidade, uma forma de sonhar com possibilidades outras – trata-se de uma espécie de letramento familiar. Genildo ao se referir aos papéis que cola na parede de sua casa, salienta a necessidade de sonhar e de ver naquelas imagens a possibilidade de um dia alcançar e conhecer o que aos seus olhos parece tão distante, mas seus sonhos o levam a inquietude do querer saber, parecer e um dia estar lá. Assim se expressa:



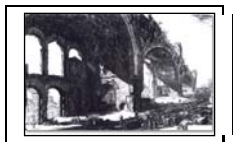
A gente sempre sonha. Quando a gente pega a foto de uma praia, por exemplo, do Nordeste, a foto do mar, você coloca ali e toda vez que você olha para aquela foto, você sempre se imagina, você sempre se vê naquele local, né? Então você acaba criando um sonho e cada dia você enriquece mais ele, você adiciona novos elementos pensando que um dia você vai estar lá só; outro dia vai estar com alguém, um dia vai ta tomando banho de mar; outro dia você vai esta passeando e na verdade, este sonho te leva né, além daquela foto que está ali na parede. É como se você atravessasse aquela parede e entrasse naquele mundo que você criou através destes papeis que estão colados ali na parede.

A escrita colada nas paredes, as imagens, os desenhos parecem constituírem-se em elementos fundamentais através dos quais os moradores ribeirinhos transportam-se do mundo de sua cultura em busca da cultura urbana para eles mais requintada e que desperta sonhos e desejos mil.

Nos grandes centros urbanos as pessoas são incitadas ao consumo aguçado pelas vitrines das lojas, pelo aconchego e tranquilidade, estrategicamente pensada, para o consumo nos shopping centers, pelas faculdades acopladas nestes espaços. Os ribeirinhos, por mais distante da cidade que seja sua colocação, finda sabendo disso tudo e entendendo a diferença entre tais espaços.

Rosa, uma das professoras ribeirinhas até compara a parede destas casas, com o shopping center da cidade. Ali tudo está exposto: letras, moda, utilitários, imagens de santo, cartaz de político, trabalhos escolares, retratos. Tudo, enfim, de papel colorido que se tem acesso, acaba sendo colado nas paredes. No shopping está a exposição das mercadorias enquanto materialidade, já nas casas dos ribeirinhos está exposta apenas as imagens desta materialidade, ou seja, as fotografias que representam uma vida de coisas, mundo e sonhos. A imagem fotográfica segundo Essus (1995, p. 25), [...] revela aspectos da vida material, de um determinado tempo do passado, que a mais detalhada descrição verbal não daria conta.

Rosa ao referir-se aos papéis que são colados nas paredes das casas e da situação sócio-histórica da realidade local diz que:



O problema deles é a falta de leitura [...] quem não vê através da leitura vê através dos olhos. Encher os olhos, né verdade? Eles querem encher os olhos de beleza. Uma pessoa que sabe ler descobre maravilhas em qualquer pedacinho de papel. Enquanto eles não tem a oportunidade de descobrir a beleza de uma pessoa que ler em qualquer pedacinho de papel, eles, como é que se diz, a mente deles vira imagem. [...] uma pessoa que não sabe lê e pega um livro que só tem letras, faz assim: passa, passa, passa. Mas se ele pega um livro que tenha gravuras, ele fica horas e horas ali que você jura que eles estão lendo. Tão lendo através da imagem e eles vão fazer a leitura através da imagem. Gostam de ver o colorido, gostam de ver as cores. A casa deles é como se fosse o shopping center da cidade.

Tal imaginário impõe-se aos moradores como se construíssem um olhar que se deseja ver mais do que lhes é dado, procurando captar o que não se dispõe visualmente em busca quiçá, descobrir a plenitude do invisível. Nesse emaranhado de coisas e tramas está o professor inebriado também por tais idéias, cuja formação ainda em construção não alcança a dimensão do desejado. Entretanto, compreendemos ser a educação de fundamental importância no despertar da ingenuidade que ancora e acena com a possibilidade de um mundo melhor, de saberes compartilhados e povos envolvidos efetivamente com o sistema escolar abrindo portas na tentativa de ultrapassar horizontes envolvendo-se na apropriação e socializados do conhecimento. È desta forma que os professores e moradores das regiões ribeirinhas da floresta, também vêm a escola, como uma possibilidade de encontro com novos mundos.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Márcio Adriano de. *Descompassos nas políticas educacionais: a reorganização da educação rural em Jardim de Piranhas/RN (1999-2006)*. 155 f. Dissertação. (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2006.
- CABRAL NETO, Antônio (org). *Política educacional: desafios e tendências*. Porto Alegre: Sulinas, 2004.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

ESSUS, Ana Maria Mauad de Souza. *Através da Imagem: possibilidades teórico-metodológicas para a análise de fotografias como fonte histórica*. In: *Anais do Seminário "Pedagogia da Imagem, Imagem na Pedagogia"* – Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 1996.

GOMEZ, Angel Pérez. *O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo*. In: NOVOA, A. *Os professores e sua formação*. Dom Quixote: Lisboa, 1992.

LINHARES, Célia. *Formação de Professores: travessia crítica de um labirinto legal*. Editora Plano: Brasília, 2003.

1

2